

As múltiplas cores do arco-íris: despatologizando a diversidade sexual¹

Sergio Lewkowicz², Porto Alegre

Estamos vivenciando na contemporaneidade a manifestação de uma vasta gama de apresentações da sexualidade, compondo metaforicamente as cores de um arco-íris, como o que é representado nas bandeiras e imagens do movimento LGBTQ+. Muitas dessas configurações sexuais atuais não são novas e estiveram sempre presentes na história da humanidade. Entretanto, tornaram-se novas em sua visibilidade e em suas reivindicações de respeito, compreensão e acolhimento. Por outro lado, as sexualidades, que se mostram tão fluidas e cambiantes, parecem ser de aparição mais contemporânea. O autor propõe-se a questionar porque ocorre uma resistência tão violenta contra as manifestações das diversidades de gênero e de orientação sexual na atualidade. Busca compreender essas resistências nas instituições psicanalíticas e também dentro de nós mesmos. Inicia com a nova visão biomédica e da saúde mental que despatologiza a diversidade sexual. Considera a diferença entre as gerações como um dos fatores envolvidos na resistência às novas apresentações da sexualidade. Salienta a nossa tendência a generalizar e a pensar de maneira binária e não complexa, levando a uma insistência na binaridade sexual. Finalmente, discute a resistência presente nas teorias psicanalíticas que tendem a normatizar a sexualidade, considerando que tanto os analistas como as instituições psicanalíticas persistem ambivalentes em relação a normatizar

¹ Versão modificada do trabalho apresentado em Bruxelas por ocasião do evento: *Contemporary Psychoanalytical Perspectives on Gender Diversity and Sexualities*, organizado pelo comitê de estudos sobre diversidade sexual e de gênero da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), em setembro de 2019.

² Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Sergio Lewkowicz

a sexualidade em oposição a uma visão mais singular e específica de cada pessoa.

Palavras-chaves: *Psicosssexualidade; Sexo; Gênero; Despatologização; Diversidade Sexual; Heteronormatividade*

“Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos”. (Ailton Krenak, 2019, p. 33)

Há alguns anos, fui convidado para participar de um debate em Porto Alegre sobre a peça *O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, da transgênero escocesa Jo Clifford, com a atriz da peça, Renata Carvalho, também transgênero, e a diretora da montagem, Natália Mallo. A peça já havia causado muito celeuma no país todo, tendo sido proibida por diversas vezes e gerando uma onda de protestos. Mesmo em Porto Alegre, corria o risco de ser proibida novamente, mas, através de uma decisão judicial, a peça acabou sendo apresentada e o debate pôde ocorrer.

A peça apresenta uma releitura de várias fábulas da vida de Jesus, sempre com uma mensagem de amor, perdão, aceitação e tolerância. No entanto, essa mesma peça desperta uma intensa cadeia de ódio, opressão e intolerância. Penso que não se trata da questão de ter um Jesus feminino, pois, na história da arte, não é incomum encontrarmos personagens e figuras mostrando um Jesus feminino, inclusive amamentando. A questão justamente parece ser a de um Jesus transgênero. Talvez o uso da religião possa ter sido um fator de intensificação para as reações de ódio em relação à peça. A atriz e a diretora chegaram a ser agredidas fisicamente no interior de São Paulo, mas a intolerância ultrapassa a questão religiosa. Poucos meses antes, também em Porto Alegre, uma exposição chamada *Queer Museum*,

que reunia obras artísticas de pessoas diferentes em geral, não necessariamente do grupo da diversidade sexual, foi proibida e teve que ser encerrada. Alguns meses depois, a filósofa Judith Butler foi recebida no Brasil aos gritos, chamada de bruxa, e um boneco com a sua imagem foi queimado em São Paulo, onde ela havia sido convidada para um seminário sobre “O fim da democracia”.

Pelo menos 86 países em todo o mundo criminalizam homossexuais e grupos congêneres, seja com prisão ou até mesmo pena de morte.

Por outro lado, também temos que levar em conta países onde as identidades de gênero e orientação sexual não são criminalizadas, como o Brasil, que possui o maior número de assassinatos absolutos de transexuais do mundo (Justo, 2020).

Esses dados mostram como a homofobia e a transfobia estão ainda disseminadas pelo mundo inteiro.

Cabe indagar o porquê de uma resistência tão violenta contra as manifestações das diversidades de gênero e de orientação sexual. Há quem diga até que vai haver uma contaminação geral dos jovens, e que isso vai representar o fim da civilização ou até mesmo o fim do mundo.

Tentar compreender essas resistências nas instituições psicanalíticas e também dentro de nós mesmos tem sido um verdadeiro desafio.

Será que as nossas teorias podem ser consideradas insuficientes para os fenômenos da sexualidade que impactam hoje em dia?

O risco é nos acomodarmos e tentarmos aplicar as nossas ideias já conhecidas para dar conta destas apresentações diversas, diferentes daquilo que conseguimos articular teoricamente até então, e funcionar como o divã de Procusto, considerando que tudo o que não couber dentro desse espaço teórico é patológico.

Tentando despatologizar as diversidades de gênero

Durante o lançamento da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11) em 2018, a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou a retirada dos transtornos de identidade de gênero do capítulo de doenças mentais. Com a mudança, o termo passou a ser chamado de incongruência de gênero, e está inserido no capítulo sobre saúde sexual. A nova classificação acontece 30 anos depois da decisão de retirar o termo homossexualidade da lista de doenças, o que ocorreu no dia 17 de maio de 1990.

Segundo a OMS, existem evidências de que a incongruência de gênero não se trata de um transtorno mental. Além disso, a Organização destaca que este é

Sergio Lewkowicz

um passo importante para a redução do estigma e da discriminação em relação a essa população, assim como para a garantia de seu acesso à saúde.

Assim, sob o ponto de vista biomédico e da saúde mental, a identidade de gênero não é mais tratada como doença mental.

Se olharmos para certos mitos históricos, veremos que a diferença entre os sexos e a bissexualidade não é tão marcante como o defendido pela cultura heteronormativa ocidental dos últimos séculos.

Se lembrarmos da narrativa bíblica de Eva sendo feita através de uma costela de Adão, já temos uma mistura de corpos, embora de uma maneira hierarquizada. Segundo Aristófanes, em um dos discursos de Platão, eram três os gêneros da humanidade: masculino, feminino e andrógino. Este último inclusive constituía um gênero específico. Na mitologia grega, podemos citar Hermafrodito, que era filho de Afrodite e Hermes, levando o nome de seus pais, representava a fusão dos dois sexos, sem ter um gênero definido. Teria nascido um menino muito bonito, que se transformou posteriormente em um ser andrógino por haver se unido à ninfa Salmacis e que, na medicina, veio a dar nome às pessoas intersexo. Ainda na mitologia grega, encontramos o adivinho Tirésias, que viveu sete anos como mulher e acabou cegado pela ira de Hera ao dizer que a mulher tinha muito mais prazer sexual do que o homem. Esses mitos revelam uma complexidade na abordagem da sexualidade que foi posteriormente perdida. Na Grécia antiga, as atividades sexuais não eram proibidas para os cidadãos homens, com exceção da proibição explícita ao incesto. A sexualidade passou a ser condenada e proibida com o advento das religiões monoteístas (Lemma, 2015). Essas proibições persistem e até tem se intensificado nos dias de hoje, com o aumento do fundamentalismo religioso.

As diferenças entre gerações

As gerações mais jovens estão recebendo com muito mais naturalidade as novas apresentações da sexualidade do que as gerações mais velhas. Isso mostra uma tendência constante da nossa temporalidade, que é o estranhamento com as novas gerações. Como exemplo disso, podemos considerar a assim chamada “revolução sexual” dos anos 60 e 70, com o movimento feminista e com o surgimento do movimento hippie e da pílula anticoncepcional. Nessa época, muitos jovens foram considerados “anormais” pelos psicanalistas, sendo algumas mulheres desvalorizadas como “promíscuas” e diagnosticadas com problemas emocionais. Esses jovens eram considerados como tendo o complexo de Édipo mal resolvido, como descreve Michel Tort (2005).

No entanto, penso que esse confronto habitual das gerações ficou ainda mais acentuado na atualidade em função das mudanças provocadas pelo surgimento da internet, das redes sociais e das novas tecnologias.

A mídia também tem um papel relevante ao mostrar as diversas identidades de gênero, pois cada vez temos mais oportunidade para ver as novas configurações na literatura, no cinema e nas artes em geral.

Cabe lembrar também o desenvolvimento da fertilização assistida e as possibilidades de cirurgias de modificação dos corpos, criando uma verdadeira revolução nas possibilidades de procriação e mudança de gênero.

Um estudo encomendado pelo *L'Obs* (Philippe, 2019) na França mostra que, da população entre 18 e 44 anos, 14% se consideram como não binários e, acima dos 45 anos, o índice passa a ser de 8%. Entre os tipos de identidade de gênero homologados pela Academia Francesa, encontramos transgênero, bigênero, intergênero, gênero fluido, agênero, gênero neutro, pangênero, andrógino, e assim por diante. Essas diferentes nuances de identidades de gênero formam as múltiplas cores do arco-íris.

As generalizações

“Nós precisamos da arte para impedir que o real seja destruído duas vezes: uma pela violência da história e outra por um discurso que generalize, explique e essencialize”.
(Rolland Barthes citado por Mambelli, 2020, p. 87)

Creio que existe uma tendência em nossa maneira de pensar que nos leva a estabelecer generalizações e classificações. Desde Freud, as teorias psicanalíticas mostram uma dualidade: por um lado, se apoiam no binarismo e na heteronormatividade e, por outro, passaram a apresentar uma compreensão mais complexa da psicosssexualidade, mas, mesmo assim, com uma tendência a generalizar e a normatizar.

Eu tive a oportunidade de acompanhar três mulheres homossexuais no meu consultório e concluí que, mesmo com uma escolha objetual por parceiras do mesmo sexo, elas são muito diferentes entre si, com famílias com configurações muito distintas, apresentações diversas e com sofrimentos diferentes na busca de seus

Sergio Lewkowicz

tratamentos. Cada uma delas é singular e precisa ser escutada na sua singularidade. Cabe lembrar aqui os inúmeros estudos psicanalíticos que encontravam uma explicação geral para a homossexualidade.

Essas apresentações diversas justamente não se prestam a generalizações e estão sempre escapando do engessamento das definições. Como salientado por Julia Kristeva (2019) no recente congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) em Londres, não podemos generalizar sobre o feminino, temos que considerar cada feminino em sua singularidade. Poderíamos dizer, assim, que são vários femininos.

Como podemos entender a resistência social em relação à diversidade sexual?

Penso que os cenários masculinos e femininos na cultura ocidental estão profundamente alicerçados em uma estrutura antiga e complexa, o patriarcado. Ao mesmo tempo em que vem ocorrendo o declínio do patriarcado através de nossa história recente, tanto na sociedade como na família, e até mesmo no *setting* analítico, sua persistência chama atenção. Inclusive parece haver um reforço dessa estrutura nos tempos atuais, levando a um aumento da violência contra a mulher e contra os mais vulneráveis.

Essa estrutura patriarcal divide os seres humanos em duas categorias, masculino e feminino, privilegiando o masculino e criando um binarismo que não admite outras variações. Além disso, estabelece uma categoria superior de homem em relação aos outros, os brancos, mas sempre colocando todos os homens como superiores às mulheres (Gilligan & Snider, 2018).

Esse sistema é constituído por uma complexidade de fenômenos sociais, econômicos, políticos e psicológicos, entre outros.

O patriarcado inclui uma série de leis e códigos predominantemente inconscientes, levando a regras de como os homens e as mulheres devem se comportar, as quais parecem naturais e estabelecidas.

Os códigos são transmitidos de geração para geração através de uma complexa trama dos laços sociais, envolvendo a cultura, o social e a família, agindo por meio de vários fenômenos conhecidos, como a constituição do Superego pensada por Freud, as mensagens enigmáticas de Laplanche, a transmissão transgeracional, etc., e possivelmente por fatores ainda desconhecidos por nós.

A desestabilização dessa estrutura provoca ansiedades e incertezas que levam a um aumento da violência na busca por uma homogeneização binária, causando o apagamento das diferenças e justificando a intolerância com o diverso.

Voltando aos psicanalistas

Como podemos pensar a resistência dos psicanalistas em relação à diversidade sexual?

Temos de levar em conta que as bases teóricas da psicanálise foram concebidas na modernidade, e que talvez elas sejam insuficientes para lidar com as configurações e sofrimentos da pós-modernidade, cultura em que estamos imersos. Sabemos que a teoria psicanalítica foi forjada na cultura da época em que surgiu, como revelam os Três Ensaio sobre Sexualidade de Freud (1905/1976a). Apesar de Freud descrever o desenvolvimento da psicosexualidade para atingir a genitalidade com a resolução do conflito edípico através da heterossexualidade e da reprodução, ele também apresentou uma concepção da sexualidade infantil como bissexual e polimorfa, o que foi disruptivo e revolucionário para a cultura da época. As concepções teóricas sobre o Édipo desenvolveram-se bastante após Freud, como, por exemplo, em relação ao narcisismo de Édipo e ao papel dos pais de Édipo, quando o rejeitam e, com isto, o desamparo que provocam. Creio que um dos grandes desafios para a teoria psicanalítica no Século XXI seja encontrar novas concepções capazes de nos ajudar a compreender as apresentações de gênero e de orientação sexual contemporâneas.

A crítica principal feita à psicanálise por antropólogos, sociólogos e outros pensadores foi o fato de as teorias psicanalíticas continuarem normativas, mais particularmente heteronormativas, em relação à sexualidade. A partir dos anos 60, com o movimento feminista e a liberação sexual na cultura ocidental, houve uma abertura em relação à sexualidade, e autores como Deleuze e Foucault começaram a questionar a ideia de uma identidade sexual estável e universalizante. Esta crítica foi se ampliando a partir da década de 80 com os estudos *queer*, mas a ideia da instabilidade e da fluidez da identidade sexual só mais recentemente está sendo incorporada aos nossos estudos.

Tanto os analistas como as instituições psicanalíticas persistem ambivalentes entre normatizar a sexualidade e ter uma visão mais singular e específica de cada pessoa. Ainda não parece haver analistas transgênero nas nossas instituições no Brasil, e só recentemente foram aceitos candidatos declaradamente homossexuais para a formação analítica, existindo ainda certa ambivalência em relação a eles.

Penso que Bion (1970) pode nos ajudar a compreender uma parte dessa resistência quando descreve as reações de rechaço do *establishment* com as “ideias novas” e com as pessoas portadoras dessas ideias. O novo e o desconhecido – e penso que também a estranheza com o diferente – mobilizam intensas reações

Sergio Lewkowicz

tanto das instituições como de nossas mentes, incluindo ainda as instituições e as teorias psicanalíticas.

Um dos exemplos de Bion (1970) é o da resistência a Jesus, pois ele trazia ideias novas e uma abertura que logo se tornaram muito populares, ameaçando o *establishment*. Por isso, ele acabou crucificado. Voltando à peça de teatro que relatei no início, também sobre Jesus vemos que, cerca de dois mil anos depois, esse mesmo funcionamento continua ocorrendo.

Enfrentar o contato emocional com tais apresentações da sexualidade que não são binárias ainda é um desafio para nós, psicanalistas.

Precisamos tentar repensar as nossas teorias a partir da escuta de pessoas que vivem e expressam a sua sexualidade e sua identidade de gênero fora dos padrões da binaridade e da heterossexualidade. Indivíduos esses que só agora estamos conseguindo reconhecer a existência e estão podendo procurar nossos consultórios.

Muitas das configurações sexuais dos tempos recentes não são novas, e estiveram sempre presentes na história da humanidade. Entretanto, penso que se tornaram novas em sua visibilidade e em suas reivindicações de respeito, compreensão e acolhimento. Por outro lado, as sexualidades tão fluídas e cambiantes parecem ser de aparição mais contemporânea.

Penso que uma das grandes questões atuais é o quanto somos capazes de “tolerar” e de “sustentar” um campo analítico com pacientes tão fluídos, mutáveis, cambiantes e indefinidos.

Desenvolver um processo analítico com esses pacientes mobiliza reações ainda desconhecidas para a maioria de nós, que se sente confortável na cisheteronormatividade. Como lidar com o *abjeto* (Kristeva, 2019) e com *o estranho* (Freud, 1919/1976b) que carregamos em nós mesmos e que se perturba no contato com esses sujeitos?

Penso que podemos fazer um esforço consciente para evitar o nosso preconceito com esses pacientes, mas sutilmente, de forma inconsciente, nossa contratransferência pode nos deixar com um viés, um bias em relação a essas novas configurações de gênero e orientação sexual. Ainda tendemos a atribuir o sofrimento do paciente ao seu “desvio sexual”, uma tendência a patologizar tudo o que se desvia da cisheteronormatividade, muitas vezes retraumatizando o paciente. O importante a destacar é que nunca estamos neutros nessa avaliação.

Gostaria de encerrar com a conhecida carta de Freud (1951 [1935]) para a mãe de um jovem homossexual, pois ela mostra, já em 1935, uma tentativa de despatologizar a homossexualidade:

Minha querida Senhora, Lendo a sua carta, deduzo que o seu filho é homossexual. Chamou fortemente a minha atenção o fato de a senhora não mencionar este termo na informação acerca dele que me enviou. Poderia lhe perguntar por que razão? Não tenho dúvidas de que a homossexualidade não representa uma vantagem. No entanto, também não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação alguma. Não pode ser qualificada como uma doença e nós a consideramos como uma variante da função sexual, produto de certa interrupção no desenvolvimento sexual. Muitos homens de grande respeito da Antiguidade e da atualidade foram homossexuais, dentre eles alguns dos personagens de maior destaque na História, como Platão, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, etc. É uma grande injustiça, e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se ela fosse um delito. Caso não acredite na minha palavra, sugiro-lhe a leitura dos livros de Havelock Ellis. Ao perguntar se posso lhe oferecer a minha ajuda, imagino que isso seja uma tentativa de indagar acerca da minha posição em relação à abolição da homossexualidade, visando substituí-la por uma heterossexualidade normal. A minha resposta é que, em termos gerais, não podemos prometer nada parecido. Em certos casos, conseguimos desenvolver rudimentos das tendências heterossexuais presentes em todo homossexual, embora, na maioria dos casos, isto não seja possível. A questão fundamenta-se principalmente na qualidade e na idade do sujeito, sem possibilidade de determinar o resultado do tratamento. A análise pode fazer outra coisa pelo seu filho. Se ele estiver experimentando descontentamento por causa de milhares de conflitos ou inibição em relação à sua vida social, a análise poderá lhe proporcionar tranquilidade, paz psíquica e plena eficiência, independentemente de ele continuar sendo homossexual ou de mudar a sua condição. (pp. 786-787, tradução livre)

A carta de Freud mostra uma abertura, não criminaliza, mas ainda patologiza e continua considerando a heterossexualidade como o padrão normal. Será que, 100 anos depois, nós, como psicanalistas, ainda pensamos assim?

Será que conseguimos criar um campo analítico suficiente para ouvir essa alteridade tão radical para nós?

Temos que tentar escutar e rearranjar as nossas teorias a partir da singularidade das experiências de pessoas que vivem e expressam a sua sexualidade e identidade de gênero fora dos padrões da binaridade e da heterossexualidade.

Nesse caminho, já contamos com produções importantes como Deleuze, Foucault, Butler e Preciado, entre outros. Na área da psicanálise, gostaria de

Sergio Lewkowicz

destacar as ideias de Jean Laplanche, Julia Kristeva, Michel Tort e o trabalho que vem sendo realizado na América Latina por Letícia Glocer Fiorini, com suas contribuições sobre o feminino, a diferença sexual e o complexo de Édipo, e por Patrícia Porchat, com seus estudos sobre transexuais no Brasil.

Penso que a melhor bússola para nos orientar sempre é o sofrimento psíquico das pessoas, independentemente de sua identidade de gênero e de orientação sexual. Para isso, precisamos deixar de nos guiar pelas nossas resistências e pela tendência a patologizar e, ao contrário, temos que nos deixar afetar pelas múltiplas cores do arco-íris para, assim, podermos efetivamente tratar aquele ser humano específico e único que procurou a nossa ajuda. □

Abstract

The multiple colors of the rainbow: depathologizing sexual diversity

In our present-times we have been experiencing sexuality been manifested in a wide range of presentations, metaphorically representing the colors of a rainbow, as in the banners and images of the LGBTQ+ movement. Many of these current sexual configurations are not new and have always been present in human history. However, they have become new regarding visibility and in their urge for respect, understanding, and acceptance. On the other hand, sexualities, which present themselves so fluid and changeable, seem to be more contemporary in appearing. The author intended to question why there is such a violent resistance against the manifestations of gender and sexual orientation diversity in our days. He seeks to understand these resistances inside psychoanalytic institutions as well as inside ourselves. He begins with the new biomedical and mental health vision that depathologizes sexual diversity. The author considers the difference between generations as one of the factors involved in the resistance to the new presentations of sexuality. He highlights our trend towards generalization and thinking in a binary instead of complex way, leading to an insistence on sexual binarity. Finally, discusses the resistance present in psychoanalytic theories that tend to systematize sexuality, considering that both analysts and psychoanalytic institutions persist ambivalent in relation to systematizing sexuality as opposed to a more particular and specific sight over each person.

Keywords: Psychosexuality; Sex; Gender; Depathologization; Sexual Diversity; Heteronormativity

Resumen

Los múltiples colores del arco iris: despatologizando la diversidad sexual

Actualmente estamos viviendo la manifestación de una amplia gama de presentaciones de la sexualidad, componiendo metafóricamente los colores de un arco iris, como lo que se representa en las banderas e imágenes del movimiento LGBTQ+. Muchas de estas configuraciones sexuales actuales no son nuevas y siempre han estado presentes en la historia de la humanidad. Sin embargo, se han vuelto nuevas en su visibilidad y en sus reivindicaciones de respeto, comprensión y aceptación. Por otro lado, las sexualidades, que se muestran tan fluidas y cambiantes, parecen de emergencia más contemporánea. El autor se propone cuestionar por qué existe una resistencia tan violenta contra las manifestaciones de diversidad de género y orientación sexual en la actualidad. Busca comprender estas resistencias en las instituciones psicoanalíticas y también dentro de nosotros mismos. Empieza con la nueva visión biomédica y de salud mental que despatologiza la diversidad sexual. Considera la diferencia entre generaciones como uno de los factores involucrados en la resistencia a las nuevas presentaciones de la sexualidad. Destaca nuestra tendencia a generalizar y pensar de forma binaria y no compleja, lo que lleva a una insistencia en la binariedad sexual. Finalmente, discute la resistencia presente en las teorías psicoanalíticas que tienden a normalizar la sexualidad, considerando que tanto los analistas como las instituciones psicoanalíticas persisten ambivalentes en relación a normalizar la sexualidad en oposición a una visión más singular y específica de cada persona.

Palabras clave: Psicosexualidad; Sexo; Género; Despatologización; Diversidad sexual; Heteronormatividad

Referências

- Bion, W.R. (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1951 [1935]). A letter from Freud (April 9, 1935). *American Journal of Psychiatry*, 107(10), 786-787.
- Freud, S. (1976a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1976b). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 227-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Sergio Lewkowicz

- Gilligan, C. & Snider, N. (2018). *Why does patriarchy persist?*. Cambridge: Polity Press.
- Justo, G. (2020, 19 de novembro). Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é país que mais mata transexuais no mundo. *Exame* [Website] <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kristeva, J. (2019). Prelude to an ethics of the feminine. *Conference presented at the 51th IPA Congress 'The Feminine'*, London, 2019, from 24th to 27th July, 2019. Retrieved from: <http://www.kristeva.fr/prelude-to-an-ethics-of-the-feminine.html>
- Lemma, A. (2015). *Sexualities: contemporary psychoanalytic perspectives*. London: Routledge.
- Mambelli, F. (2020, Abril). Dossier Barthes : poétique de l'engagement. *Le Nouveau Magazine Littéraire*, 25.
- Organização Mundial de Saúde (OMS) (2018). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (CID 11). No prelo.
- Philippe, E. (2019, 27 mars). Ni fille, ni garçon : la révolution du genre. *L'Obs*, 2490 (*Société*). Retrieved from <https://www.nouvelobs.com/societe/20190327.OBS2490/ni-fille-ni-garcon-la-revolution-du-genre.html>
- Tort, M. (2005). *Fin del dogma paterno*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

Recebido em 13/10/2020

Aceito em 30/12/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Maria da Graça Motta**

Sergio Lewkowicz

Rua Luciana de Abreu, 267/406
90570-060 – Porto Alegre – RS – Brasil
sergio.lewkowicz@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA